

Educação Histórica e Patrimônio: A peça “Bodas de Café” em sala de aula (Londrina-1984)

Jemima Fernandes Simongini (UEL)

Marcela Taveira Cordeiro (UEL)

A proposta para a produção deste artigo é vincular a atual preocupação com a Educação Patrimonial e a linha teórica da Educação Histórica, em uma experiência em sala de aula. Na perspectiva da Educação Histórica a forma como o aluno aprende história é a principal diretriz na pesquisa, a aprendizagem em história está ligada ao contato com as fontes, ao estudo exploratório, ou conhecimentos prévios e a capacidade de empatia histórica¹ e construção do conhecimento.

Logo, a Educação Patrimonial é interessante para a Educação Histórica no desenvolvimento de seus objetivos, ela permite acompanhar a progressão dos alunos em várias categorias. Ao trabalhar com fontes ligadas ao patrimônio histórico a história local é colocada em evidência, facilitando ao professor se afastar da idéia de passado “morto”, “oficial”, pois ao mostrar perspectivas próximas ao cotidiano dos alunos e marginais ao conhecimento habitual do livro didático as relações de empatia histórica são colocadas em uma posição de maior acesso.

O trabalho com fontes históricas patrimoniais aguçam suas percepções em relação às relações culturais, no contexto de sua comunidade; a aproximação desses alunos a “lugares históricos” e suas referências culturais possibilita a valorização do patrimônio histórico e o reconhecimento do mesmo enquanto significativo na formação de uma identidade local. (Nascimento, 2009, pág. 9).

Estudar a Educação Patrimonial também permite a construção de laços entre História Local e a História mais ampla, facilitando ao aluno a construção de uma narrativa histórica independente, construída com bases em fontes primárias. Desta maneira a aprendizagem histórica se desenvolve num movimento dialético e consciente (Nascimento, 2009, pág. 7).

Na Educação Histórica a categoria de evidência é essencial, ela é a lente que o professor usa em sala de aula, no tratamento não apenas das

fontes primárias, mas também de conceitos, desnaturalizando-os, trazendo aos alunos a perspectiva histórica, que vê principalmente as palavras em seu próprio contexto. Dessa forma, ao trazer para sala de aula um tema como “Patrimônio”, é preciso sempre ter em mente a historicidade da palavra, o que ela simboliza para a nossa sociedade, e o que ela já representou, em outros tempos, para isso é essencial que o professor dialogue com o conhecimento prévio que o aluno possui, desta forma inserindo o destaque de sua importância no presente.

A primeira questão que apresentamos aos alunos, em relação a patrimônio, foi como um espaço de luta e relações de poderes simbólicos, um lugar em que relações objetivas se estabelecem entre determinados agentes da sociedade, não é neutro, mas retém significações, elos entre o passado e o presente. A escolha da preservação de um determinado prédio, o tombamento de determinado saber cultural (Patrimônio Imaterial), estão ligados a memória que se quer para determinado grupo social. A recente (pós-década de 70) efusão de tombamentos de Patrimônios Imateriais no Brasil por meio do IPHAN denota a entrada de memórias marginalizadas em Instituições Oficiais, que podem ser relacionadas ao próprio movimento historiográfico, que vem sendo influenciado pela antropologia, ressaltando os aspectos culturais da sociedade.

Pierre Noraⁱⁱ destaca a emergência do conceito de Patrimônio na atualidade e o relaciona à aceleração da história, ou seja, à constante reformulação das problematizações e ampliação do campo que esta abrange como um sinal do dilaceramento da memória, “temos necessidades de consagrar lugares a memória porque esta não existe mais” (NORA, 1984). Uma vez que há mediação, distância, não estamos mais na memória, mas na história. As sociedades tradicionais não tem necessidade de lugares de memória, pois cada gesto cotidiano é identificado como evocação sacralizada da memória. Segundo Nora, nossa sociedade, pela valorização da mudança, da ruptura, não vive mais na memória, não há mais esse laço no presente eterno, por isso consagramos lugares de memória,

(...) os museus, arquivos, e monumentos são rituais de uma sociedade sem rituais, a sacralização passageira em uma

sociedade que se dessacraliza sinais de reconhecimento de particularidades e individualidade em uma sociedade que tende a reconhecer apenas os indivíduos idênticos. Uma memória que não mais habitamos metade oficial e institucional, metade afetiva e sentimental. Passagem de uma História Totêmica a uma história crítica, já não celebramos a nação, mas estudamos suas celebrações. (NORA, 1984)

A sociedade contemporânea sente a história desvanecer, devido a velocidade das mudanças, e busca se ater a todos os vestígios, buscando dar-lhes dignidade virtual de memória, esta memória revela-se por uma pressão exterior, a cada indivíduo, grupo, pois não é mais uma prática social. Muitos traduzem este desassossego como uma busca pela identidade, ou muitas vezes imposição desta, Segundo Hartog:

Mas, trata-se menos de uma identidade evidente e segura dela mesma do que de uma identidade que se confessa inquieta, arriscando-se de se apagar ou já amplamente esquecida, obliterada, reprimida: de uma identidade em busca dela mesma, a exumar, a “bricoler”, e mesmo a inventar. (HARTOG:2006, pág.266)

Já não falamos de origens, mas de nascimentos, nossa relação com o passado é uma prática de busca de algo que já não existe mais, que deve ser preservado por meio de meios que os sinaliza, dessa forma buscando ordenar o que já não conhecemos, e a nossa maneira de justificar essa preservação é a própria desconstrução, problematização, da atividade de produzir ‘história’.

O patrimônio é uma maneira de viver as rupturas, de reconhecê-las e reduzi-las, referindo-se a elas, elegendo-as, produzindo semióforos. Inscrito na longa duração da história ocidental, a noção conheceu diversos estados, sempre correlatos com empos fortes de questionamentos da ordem do tempo. O patrimônio é um recurso para o tempo de crise. Se há assim momentos do patrimônio, seria ilusório nos fixarmos sobre uma acepção única do termo. (HARTOG:2006, pág.272)

TEATRO COMO FONTE EM SALA DE AULA

Buscamos trabalhar a questão do Patrimônio Imaterial através da peça de teatro “Bodas de Café” na abordagem da História da cidade de Londrina, e compreendendo como passível de uma memória, em que precisa ser preservada para os londrinenses.

A peça de teatro “Bodas de Café” de NitisJacon de Araújo Moreira, que dirigiu também o grupo de teatro PROTEU (Projeto Experimental de Teatro Universitário), que encenou a peça e atuou de forma marcante no cenário cultural brasileiro da década de 70, 80 e 90, em Londrina/PR.

A peça de teatro “Bodas de Café” celebrou os 50 anos da cidade de Londrina em 1984. Nesta peça temos o olhar para o passado, desde os primórdios da história de Londrina, com os índios, os ingleses e a companhia de terra, os imigrantes. Podemos dizer que na peça de teatro buscou a valorização dos anônimos que fizeram a cidade, a desmistificação das glórias da colonização do Norte do Paraná, mostra a gravidade do problema dos sem terra, o êxodo rural, denúncias de torturas, entre outros.

O Personagem principal e o único com o nome real exposto na peça foi do nordestino Manoel Jacinto (1911-1983), líder camponês, comunista, que nos anos 50 liderou a “revolta dos agricultores de Porecatu” e foi preso muitas vezes.

*

No texto de Cláudia Pereira Vasconcelos “O teatro como linguagem e fonte no ensino de história” a autora fala tanto da linguagem corporal, como da linguagem da leitura da peça de teatro, deste modo

“A experiência estética favorece ao indivíduo o reconhecimento das diferenças, das semelhanças, dos contrastes e conflitos, possibilita múltiplas leituras, diferentes interpretações e dessa forma, vai nos permitindo assumir uma atitude criativa diante da vida” (VASCONCELOS, 2011, pág. 03).

No nosso caso optamos por trabalhar a com leitura da peça de teatro “Bodas de Café” e com ato da imaginação sobre a encenação de cada cena

“Neste sentido, o teatro, enquanto forma de expressão das representações do indivíduo em sociedade, possibilitará olhar para o passado ou questionar o presente a partir daquilo que é posto em cena” (VASCONCELOS, 2011, pág. 03).

O teatro foi umas das formas de cultura que os indivíduos dos anos de 1960, 1970 e 1980 usaram para lutar, mostrar as injustiças da época da Ditadura Militar no Brasil, principalmente, uma forma de resistência, pois tem a ver não somente com concepções ideológicas, mas, sobretudo com diferentes concepções políticas que permearam o pensamento brasileiro nas décadas nessas décadas.

Como vemos no um trecho de uma entrevista feita por uma estudante de comunicação com Elza Correia¹, que participou como atriz no teatro londrinense na época da Ditadura Militar.

Eu comecei a atividade cultural no final da década de 60, eu era estudante da UEL. (...) Nós trabalhávamos com Teatro, porque era um canal. A arte é muito rica como instrumento formador da cidadania, principalmente naqueles tempos de Ditadura. Ela era o único instrumento que tínhamos de manifestação, contestação, colocar nossas ideias. Nunca se produziu tanto do ponto de vista cultural e artístico como na época da Ditadura Militar. Contraditório né? É porque a gente tinha que buscar um canal para se expressar. (PREVIATTO: 2003, pág.37)

O teatro sempre foi forte na cidade de Londrina, temos o famoso Festival Internacional de Londrina (FILO). Segundo João Darwin Rodrigues da Silva que foi ator do Grupo PROTEU desde 1978, também concedeu uma entrevista feita por uma estudante de comunicação em 2003:

Na década de 80 era Proteu, o Delta que era falecido... Teodoro que era professor no Colégio Delta, professor de História. A NitisJacon com o Proteu, o grupo Meta quem dirigia era o Juarez Rezende... o alicerce que era a Jucinete...E outros grupos da região.

Depois que o Teodoro faleceu, abriu vários grupos: um do Paulo Moraes, que está no Rio de Janeiro, o grupo do Wagner e do Donizetti, que é a Cia Independente ...e também o grupo do Mário Bortolotto, que começou na década de 80...Cemitérios de Automóveis. (PREVIATTO:2003, pág. 59)

Para Severino J. Albuquerque em “O Teatro Brasileiro na Década de Oitenta” cita a importância dos grupos de teatros como todo no contexto de

¹ Filha do personagem real da peça “Bodas de Café” Manoel Jacinto e tem participação ativa na vida pública e política, sendo vereadora da cidade Londrina atualmente.

1980, lembremos, na mesma época da peça “Bodas de Café”. Aqui ele cita um grupo da cidade de Londrina

Como parte de ainda outra tendência da década de oitenta o reexame da obra de Nelson Rodrigues-temos mais uma equipe de relevo, o Grupo Delta de Teatro, com base em Londrina, no estado do Paraná, cidade que é sede de um importante festival anual de teatro. Liderado por José Antônio Teodoro, o Delta remontou, desta vez como musical, a peça mais importante da última fase da carreira de Nelson, *Toda nudez será castigada* (1965), um dos protagonistas da qual é um jovem sexualmente indeciso. Detentor de vários prêmios importantes, inclusive o de Melhor Grupo de 1985, Delta excursionou aos Estados Unidos (onde participou do Festival Latino de New York em 1986) e a Portugal, onde recebeu entusiástica acolhida em 1987 (ALBURQUERQUE, 1992, pag. 32).

Como podemos ver na fala de ambos os grupos de teatros londrinenses eram vários, como exemplo do DELTA recebeu vários prêmios, inclusive internacionais, porém, o mais importante era essa relação teatro e sociedade.

Segundo o autor “efetuado nos fins da década de setenta, o processo de liberalização do regime militar, mais conhecido como “abertura” proporcionou ao teatro brasileiro- pela primeira vez desde o sufoco imposto em 1968 pelo Ato Institucional Número 5-a esperança de retorno a um clima mais favorável à liberdade de criação e de expressão” (ALBURQUERQUE, 1992, pag. 23).

O TRABALHO COM A FONTE, A PEÇA “BODAS DE CAFÉ”

Para trabalhar com os alunos escolhemos algumas cenas da peça, pois ela é grande, conta com 33 cenas ao todo. Priorizamos a parte que fala da Ditadura Militar no Brasil, sobre o Manoel Jacinto, e as pessoas anônimas.

Antes de começar a trabalhar com a peça “Bodas de Café” desenvolvemos com os alunos uma atividade com vários trechos de relatos da época. Dividimos a sala em grupos de quatro pessoas, assim, os alunos responderam as perguntas propostas e depois apresentaram para a turma. Tendo em vista, proporcionar aos colegas de sala de aula um maior contato

com todos possíveis “pontos de vista” para o mesmo assunto discutido até então.

Após familiarizar os alunos com o objeto a ser estudado por meio do trabalho com matérias do jornal Folha de Londrina (1984), entrevistas com pessoas que participaram do teatro no período, e relatos da prática da tortura, iniciamos o trabalho com a fonte. A peça “Bodas de Café” é extensa e trata de uma diversidade de fatores que influenciaram na História de Londrina, como as diferentes origens dos imigrantes, a questão indígena, a prostituição, e sobre a Ditadura Militar em Londrina que foi o recorte realizado para esta atividade.

O tema da Ditadura Militar em Londrina na peça “Bodas de Café” tem uma abordagem muito interessante, apesar do fio condutor ser a história de Jacinto, há sempre uma cena com a perspectiva de um outro grupo social, por exemplo, os atores, os trabalhadores e os próprios militares. Esta peculiaridade da peça é essencial para o objetivo da aula, pois facilita o papel do professor de história de apresentar aos alunos como um acontecimento passado é percebido diferentemente pelos grupos sociais, assim como pelos indivíduos.

A proposta de trabalho com a peça de teatro poderia ser com o vídeo da mesma, contudo não o localizamos, apesar de sabermos que este provavelmente existe. Mesmo a peça escrita, datilografada como conseguimos não foi de fácil acesso, para a aula recortamos algumas cenas: a 22, a 23 e a 27, por terem a Ditadura como tema, e a vida de Jacinto como base.

Os alunos iam lendo trechos da peça e deste modo, foram sendo discutidos os aspectos de cada fala, no decorrer os próprios alunos iam fazendo perguntas e se mostraram interessados e participativos nas aulas.

É importante dizer que nos preocupamos em discutir com os alunos se a peça é passível de uma memória da cidade de Londrina que faz sentido ser preservada ou não. E mais, que a ditadura militar no Brasil não atuou só nas grandes capitais como aprendemos normalmente, mas que teve efeitos bem significativos no interior, como por exemplo, a operação Marumbiⁱⁱⁱ,

e como vemos representadas as denúncias na peça de teatro de “Bodas de Café”.

Outro ponto é o fato que a peça, foi feita num momento de “redemocratização” no país, então como já foi dito, a peça foi escrita e encenada em 1984 e que fala de períodos anteriores como o começo da História da cidade de Londrina com ênfase no período de Ditadura militar no Brasil e ao mesmo tempo se reportar para a década atual da época, assim tivemos que trabalhar bem com os alunos na tentativa de não “confusão” das temporalidades. Deste modo, o aluno vai construindo sua consciência histórica podendo transitar entre as temporalidades da peça.



ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

O desafio em sala de aula com o 9ºano do Colégio Gabriel Martins de Londrina em Novembro de 2012, foi em poucas semanas trabalhar o conceito de Patrimônio, investigando as concepções dos alunos e apresentando a eles outras perspectivas sobre o tema e trabalhar com uma fonte que foi a peça de teatro “Bodas de Café”, principalmente tratar da Ditadura Militar em Londrina. Para isso desenvolvemos várias atividades com a turma, usamos outras fontes como entrevistas com atores da década de 70 e 80 de Londrina, relatos de torturados, e reportagens da década de 80 sobre o cenário do teatro na cidade. Estas atividades proporcionaram aos alunos o contato com documentos de certa forma recentes, e por isso não são tratados nas aulas de história, assim como não está presente nos livros, o que traz um diferencial, eles podem perceber a cidade com outros olhos, assim como pensar nas pessoas mais velhas, em como vivenciaram a Ditadura Militar.

A APROPRIAÇÃO DO CONCEITO DE PATRIMÔNIO

A atividade seguinte a ser analisada, foi feita em uma aula desta oitava série, participaram 31 alunos, sendo 15 meninas e 16 meninos. Após todas as aulas que falamos dos patrimônios de Londrina e da análise da

Peça de teatro “Bodas de Café” pedimos aos alunos para produzirem um texto, explicando o que cada um considera patrimônio. A pergunta foi ampla, com o objetivo de incentivar os alunos a usarem a imaginação e os assuntos discutidos em aula para a resposta. Entretanto recebemos uma variedade de respostas, que categorizamos de acordo com o tema presente no texto do aluno, a ideia que o guiou.

Para melhor ser visualizado a forma como dividimos as ideias dos alunos elaboramos a seguinte tabela:

Ideia do aluno sobre Patrimônio	Quantidade de alunos
Relacionado a questão Estética	2
Patrimônio no sentido de propriedade de alguém	3
Patrimônio como algo que se preserva sozinho	3
Ressaltaram os meios de preservação	5
Patrimônio relacionado a fatos Históricos importantes, relação de exterioridade	10
Patrimônio relacionado a identidade	6
Patrimônio numa relação crítica com a História	2

Apesar de todo esforço em sala de aula no sentido de questionar o termo Patrimônio, como algo ligado somente a arte, ou como sinônimo de propriedade alguns alunos ainda apresentaram estas ideias nos textos, talvez por elas já estarem tão presentes no Universo mental com este sentido que eles não conseguiram, na produção do texto utilizar o que foi estudado nas aulas; por exemplo, Vitor escreveu: “Para mim coisas antigas que são bonitas” e Ana: “Para mim é algo que deve ser preservado, como uma casa antiga e bonita.” Estes alunos apresentam o valor estético como determinante na preservação de determinado objeto.

Houve alunos que relacionaram patrimônio como sinônimo de propriedade, foi uma surpresa para nós, já havíamos visto nos conhecimentos prévios que alguns tenderam a fazer esta associação, e por isso destacamos em aula que estávamos falando de um outro significado de Patrimônio, mas mesmo assim, na hora de produzir um texto parece que a maioria dos alunos não relaciona muito ao que foi estudado, preferem guiar-se pelo instinto atribuindo um significado que estão acostumados. Carla escreveu: “meu celular é meu patrimônio e eu não deixo ninguém mexer”; Eliza escreveu: “Eu acho que é tudo aquilo que é nosso, como uma casa ou algo menor”; e Maria Eduarda: “Patrimônio é tudo aquilo que pertence a alguém”.

Foi interessante perceber que enquanto alguns alunos dedicaram boa parte do texto para explicar as maneiras de se preservar um Patrimônio e a importância de mantê-lo ‘vigiado’ e ‘limpo’ apresentaram a ideia de que o patrimônio são as coisas que ficaram, que são muito velhas e não foram destruídas, como que se isso não dependesse da sociedade, por exemplo, Mário escreveu: “Algo que está de pé a muito tempo é considerado patrimônio”; Juliana escreveu: “Patrimônio são coisas antigas que ficam preservadas”.

Muitos alunos relacionaram o Patrimônio a história, mas destacavam que a preservação deveria ser apenas aos mais importantes, aqueles que “significaram alguma coisa” ou que foram ‘úteis’ para a história. Nestes alunos percebemos a influência de trabalhos que provavelmente haviam sido feitos na vida escolar em algum ponto, pois eles citavam a concha acústica, monumentos, o museu e o que quer que fosse ligado a batalhas e revoluções.

Foi interessante perceber que alguns alunos levaram para o lado pessoal, se identificando com o conceito e apontando “patrimônios” em seu dia a dia, assim como o desejo de repassar essas memórias ligadas a determinados objetos, Eduardo escreveu: “eu guardaria os jogos eletrônicos, porque as gerações futuras gostariam de ver como eles nasceram e como eram legais, eram os nossos passatempos”, Marília escreveu: “patrimônio é

tudo aquilo que fez e faz parte da história da cidade e tem valor histórico para a população”,

A aluna Giovana escreveu: “Patrimônio não tem uma definição exata, mas pode-se dizer que há dois tipos de Patrimônio: o Patrimônio Material e o Patrimônio Imaterial, e que Patrimônio é aquilo que ajuda a construir a história de um povo. Patrimônio material podem ser prédios casas, senzalas, qualquer construção onde ocorreu um fato histórico importante. Patrimônio Imaterial é algo que não se pode pegar, como tradições, músicas, receitas e outras coisas que compõe a cultura de uma nação.” Percebemos no texto a relação latente entre patrimônio e “história do povo”, a aluna conseguiu diferenciar o Material e Imaterial e relaciona os dois a “construção da história”, que remete a uma ideia de história como problematização do presente sobre o passado, que conta com as fontes (Patrimoniais no caso), mas que é sempre incompleta e ativa.

A aluna Lilian escreveu: “Patrimônio é algo que deve ser preservado algo que conta uma história que deve ser lembrada. Algo que devemos guardar para a próxima geração saberem o passado delas, e também sabermos a forma que as coisas eram e como são agora, comparar as mudanças.” Neste texto a aluna destaca que a preservação de “uma história que deve ser lembrada”, provavelmente pensando na peça de teatro trabalhada em sala que contava uma história de Londrina que está um tanto ‘esquecida’, a aluna destaca que há “histórias que devem ser lembradas”. Na outra parte do texto Lilian aponta a importância do passado às futuras gerações, “sabermos a forma que as coisas eram e como são agora”, esse tipo de percepção ressalta a utilidade da história para a vida, para o presente, demonstra consciência das mudanças, e que estas devem ser analisadas à luz da história.

BIBLIOGRAFIA:

ALBURQUERQUE, Severino J. **O Teatro Brasileiro na Década de Oitenta**.
Spring, 1992.

BRUNELO, Leandro. **Os reflexos do regime militar no Paraná em 1975: A Operação Marumbi**. Maringá: RevistaDiálogos, v.13, n.2, p. 461-484, 2009.

BORRIES, Bodo Von. "Multiperspectivity" – Utopian pretension or Feasible Fundamentoof Historical Learning in Europe? IN: LEEUW-Roord, Joke van der. **History for today and tomorrow: What does Europe mean for school history?** Hamburg: Editions KáberStéftens, 2001. Eustory Series: Shaping European History, VI. 2.

HARTOG, François. **Tempo e patrimônio**. Varia Hist., Dez 2006, vol.22, nº.36, p.261-273.

NASCIMENTO, Evandro Cardoso do. **História, Patrimônio e Educação Escolar: Diálogos e Perspectivas**.http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/historia_artigos/1nascimento_artigo.pdf. Acessado em 05/02/2013.

NORA, Pierre (dir.); **Les Lieux de Mémoire**; 1: La République París, Gallimard, 1984, pp. XVII-XLIL. Traducción para uso exclusivo de la cátedra Seminario de Historia Argentina Prof. FemandoJumar C.U.R.Z.A. - Univ. Nacional delComahue.

PREVIATTO, Kássia Karoline Sândoli.(TCC) Título:**Entre e fique à vontade, o teatro londrinense é nosso**.Londrina , 2003.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **O teatro como linguagem e fonte no ensino de história**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

ⁱPara Borries aempatia é uma atividade cognitiva difícil, inclui distanciar de si mesmo para a realidade do outro, outros valores, requer muita informação, distância do próprio universo e cuidado, pois você nunca verá o outro completamente. "*Empathy is generally a difficult cognitive act, including a consequent and clear change of perspectives, distancing oneself from one's own reality and values, requiring much information (knowledge) about the foreign and distant world being investigated (explanation via contextualization). It has limits, because we can never really see the others from inside, or be completely sure of understanding them correctly*" (BORRIES, 2001).

ⁱⁱNos referimos ao texto "LesLieux de memoire, 1: LaReplublique.París: Gallimard, 1984. PP. XVII-VLIL." Utilizamos a tradução em espanhol do prof. Fernando Jumar .

ⁱⁱⁱ Em 1975, foi arquitetada pela delegacia da Ordem Política e Social (DOPS) e pelo Centro de Operações de Defesa Interna – Destacamento de Operações Internas (CODI-DOI). A finalidade era apurar supostas atividades do Partido Comunista Brasileiro (PCB), no Estado do Paraná.

Na peça de teatro “Bodas de Café” fala bastante dos comunistas, como a peça mostra vários pontos de vista, temos as pessoas simples que tem medo dos comunistas, os militares que para eles todo comunista não presta e é um perigo para sociedade, vemos o Jacinto um comunista sofrendo várias arbitrariedades pelo fato ser o que é e ter uma ideia diferente e etc.